



PEDRO PEDREIRO: NARRADOR E PERSONAGEM COMO AGENTES POLÍTICOS EM DIFERENTES PERÍODOS HISTÓRICOS

EDUCAÇÃO, LINGUAGEM E MEMÓRIA

Francisa D'altoé¹
(*franciscadaltoe@gmail.com*)

Introdução

Eagleton (2006) propõem que pensemos em literatura como sendo um processo de interação entre aquilo que é escrito e aquilo que as pessoas leem:

Todas as obras literárias, em outras palavras, são “reescritas”, mesmo que inconscientemente, pelas sociedades que as lêem; na verdade, não há releitura de uma obra que não seja também uma “reescritura”. Nenhuma obra, e nenhuma avaliação atual dela, pode ser simplesmente estendida a novos grupos de pessoas sem que, nesse processo, sofra modificações, talvez quase imperceptíveis. E essa é uma das razões pelas quais o ato de classificar algo como literatura é extremamente instável (EAGLETON, 2006, p. 19).

Pretendendo analisar a relação híbrida entre literatura e música, arte e política, o presente trabalho estabelecerá análises que se ancoram nas definições feitas por Rancière (2005) sobre a partilha do sensível e os recortes sociais partilhados e interpretados em diferentes contextos sociais e históricos por meio das representações artísticas.

Tendo em vista a constante comparação das produções musicais de Chico Buarque de Hollanda com a poesia, buscou-se um caminho diferente para este trabalho. Em 1965, Chico era reconhecido em todo Brasil pelo seu primeiro grande sucesso, a canção Pedro Pedreiro. Em 2016, a obra foi reescrita pela banda carioca Braza, que em forma de homenagem, escreve a música Pedro Pedreiro Parou de Esperar. As duas músicas falam sobre os dilemas das classes mais baixas da sociedade brasileira, da perda da esperança e dos caminhos tortuosos enfrentados pelo proletariado.

O objetivo principal deste trabalho configura-se em analisar de que maneira os compositores trabalham em suas canções dois elementos que são comuns para as

¹ Mestranda em Ciências da Linguagem pela Unisul.



narrativas literárias e que, constantemente, aparecem nas produções musicais: o narrador e o personagem, e como esses dois sujeitos refletem o ambiente político e cultural das suas épocas. Dessa forma, busca-se utilizar as definições propostas por Gancho (2006) para delimitar as diferenças e semelhanças entre os narradores e personagens das duas canções, e os escritos do francês Jacques Rancière (2005), no tocante a relação da arte com a política.

Pedro Pedreiro: sujeitos e suas perspectivas

Na música Pedro Pedreiro, de 1965, tem-se um narrador que observa os acontecimentos na vida de Pedro de algum lugar fora da narrativa. Ele não se faz presente na história, apenas a relata. Gancho (2006) avalia as características que transformam essa canção em uma narrativa feita em terceira pessoa, nesse caso, o narrador sabe de tudo e está em todos os lugares, ele é onisciente e onipresente. Esse tipo de narrativa possibilitou uma canção mais “conformista”. O narrador observa a vida de Pedro e descreve seus acontecimentos e sentimentos. Pedro não tem voz na canção e o narrador lhe atribui poucas características. O foco principal da narrativa está na descrição do estado de espera em que Pedro se encontra e conforma-se em permanecer.

De outra maneira, o narrador da canção Pedro Pedreiro Parou de Esperar, de 2016, apresenta-se como o que Gancho (2006) chama de narrador testemunha e encaixa-se na variante de narrador protagonista. É o próprio Pedro que conta sua história. A escolha pela narração participativa invoca muitos significados e intensifica a narrativa de Pedro. Considerado, muitas vezes, como porta voz das mazelas da sociedade, o gênero musical conhecido como rap traz ainda mais expressividade para a narrativa, que é escrita com teor de revolta e indignação. Colocamo-nos no lugar de Pedro, desde a primeira palavra até a última linha da canção, nós nos posicionamos, juntamente com o narrador, e passamos por todos os percalços do seu caminho doloroso.

Tanto na canção de 1965, quanto no rap de 2016, os dois personagens principais são trabalhadores braçais, que fazem parte das classes mais pobres da sociedade brasileira e são denominados pelo nome próprio: Pedro. Apesar de Gancho (2006) pontuar que os personagens são sempre seres fictícios, é inegável a verossimilhança que as músicas apresentam em relação à realidade do proletariado do país em dois momentos históricos distintos.



Seguindo os parâmetros de classificação pontuados pela autora, os dois personagens se enquadram como protagonistas e anti-heróis de suas narrativas. Essa característica lhe cabe, pelo falo de: Pedro está na posição de herói, mas não tem competências para essa função. Ainda, segunda a autora, esse tipo de protagonista é frequente na literatura brasileira. Para ela, os anti-heróis são, constantemente, retratados como vítimas das diversidades sociais do país, explicação que bem define esses personagens em análise.

Pedro é um sonhador, sonha acordado que logo estará novamente no Norte, que em breve sua sorte vai mudar – no carnaval ou na loteria – e o mais improvável ainda, sonha que o patrão irá lhe pagar o aumento já prometido há tanto tempo. O pedreiro é o personagem principal da história de sua vida, mas sua realidade se apresenta conturbada, qualquer coisa lhe parece mais importante do que a própria existência, e por esse motivo, ele espera que algo de maravilha lhe aconteça, para que desse jeito possa realmente começar a viver.

O narrador apresenta, no fim da sua história, um protagonista cansado de tanto esperar. Nesse momento, nosso anti-herói percebe que, na verdade, espera por aquilo que sabemos que é a única certeza da vida: a morte. A impossibilidade de ascensão social do proletariado era praticamente certa em 1965. Pedro é apresentado como um sujeito invisível socialmente. Ao fim da narrativa, ele percebe que é melhor não esperar, pois a agonia da espera lhe custa mais do que sua vida árdua de trabalho. Ou seja, pelas palavras do narrador, percebemos que o compositor Chico Buarque nos leva a refletir: é melhor que Pedro se conforme em ser quem é e deixe de esperar pelo milagre da mudança de vida? A espera aflitiva pode ser pior do que uma vida de dedicação e trabalho que não vai lhe levar a mudança alguma?

Essa questão ainda se faz presente nas reflexões da atualidade, em 2016, um novo Pedro surge e traz consigo as mesmas perguntas sem repostas. A música Pedro Pedreiro Parou de Esperar, da banda Braza, tem como narrador o próprio Pedro. O teor de crítica de questionamento social fica mais evidente e a letra mais agressiva. O tom de revolta e protesto é impresso de maneira fervorosa na canção. O Pedro de 2016 utiliza palavras que muita gente não espera ouvir da boca de um pedreiro formado nos abrigos sociais do Brasil. Além dessa diferenciação com a canção de Chico, o fato de o anti-herói possuir o poder de coordenar a narrativa trouxe mais emoção para a canção e possibilita que o leitor/ouvinte se coloque de maneira mais fácil no lugar do sujeito que fala.



O relato dos integrantes da banda Braza é mais ávido por respostas e exprime mais emoção. Na canção de Chico, nosso personagem principal não alcança, em nenhum momento um estado de felicidade ou de realização pessoal, essa condição não se repete na narrativa da banda Braza, que consegue, mesmo que por pouco tempo, dar alguns momentos de alegria para seu personagem.

Em 2016, Pedro consegue alcançar a tão sonhada felicidade, não por meio da fantasia ou da sorte – representado pelo carnaval ou pela loteria na obra de Chico – mas sim pela relação afetiva de uma família, construída no meio de tantas adversidades sociais. Logo após esse momento de alegria a canção nos leva para outros caminhos.

A narrativa do Braza nos induz a compreender que o personagem principal, Pedro, segura em seus braços um homem inocente que morre alvejado por uma bala perdida. Realidade que, infelizmente, faz-se comum nas comunidades periféricas brasileiras. Nesse momento, nosso anti-herói percebe que a esperança que tinha alimentado dentro do seu eu se esvaia. O pequeno refúgio de felicidade de Pedro é invadido pela insegurança.

No fim de ambas as narrativas, Pedro se lembra que é um sujeito invisível, que jamais sairá dessa condição, e que de nada vale se esforçar para acreditar no contrário.

Conclusão

Rancière (2005) já pontuava que nas expressões artísticas estavam presentes profundas manifestações políticas da sociedade, “nos laços tecidos entre poema a tipografia, ilustração, entre o teatro e seus decoradores ou grafistas, entre o objeto decorativo e o poema, que se forma essa ‘novidade’ que vai ligar o artista, que, abole a figuração, ao revolucionista, ao inventor da vida nova” (RANCIÈRE, 2005, p. 23).

Sendo assim, é possível dizer que essas canções não são apenas notas e letras organizadas em uma sequência, mas sim partes sensíveis da sociedade, que é constantemente reescrita a cada nova leitura e interpretação. Nas músicas em questão, narrador e personagem, refletem e debatem os problemas que se repetem, em um mesmo país, 50 anos depois.

Referências

BRAZA. **Pedro Pedreiro Parou de Esperar**. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=u_F8U9IzH7E. Acesso em: 22 nov. 2018.



CHICO BUARQUE DE HOLLANDA. **Pedro Pedreiro**. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=ukyJzG9IePI>. Acesso em: 22 nov. 2018.

CHICO BUARQUE DE HOLLANDA. **Site Oficial de Chico Buarque de Hollanda**.
Disponível em: <http://www.chicobuarque.com.br/>. Acesso em: 22 nov. 2018.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura**: uma introdução. São Paulo: Martins Fontes,
2006. Disponível em: [https://interartesufgd.files.wordpress.com/2016/05/eagleton-
teoria-da-literatura.pdf](https://interartesufgd.files.wordpress.com/2016/05/eagleton-teoria-da-literatura.pdf). Acesso em: 27 nov. 2018.

GANCHO 2006

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível**. São Paulo: EXO experimental org.,
2005.